

TRADUÇÃO/DESCONSTRUÇÃO: UM LEGADO DE JACQUES DERRIDA¹

Élida FERREIRA²

Exprime-se alguma coisa com propriedade por uma única palavra? Não tenho o direito de retirar seja o que for e, quando procuro preencher uma frase com um largo rodeio, desperdiço as vantagens de um caminho mais curto. Vêm os meandros dos hipérbatos, as dessemelhanças das regências, as diferenças formais, enfim, o gênio vernacular, para chamar-lhe assim, da língua. Se traduzo palavra a palavra, torna-se absurdo; se, por necessidade, modifico por pouco que seja a construção ou o estilo, parecerá que me demito da tarefa de tradutor.

São Jerônimo – Carta a Pamáquio (395-6 D.C)

Derrida foi o último filósofo da escritura e o primeiro pensador da tradução.

(OTTONI, 2006, p.114)

[...] se eu tivesse que arriscar uma definição sobre desconstrução, diria simplesmente “mais de uma língua”. A desconstrução não é intraduzível, mas ligada à questão do intraduzível.

Derrida (OTTONI, 2005, p.182.)

- **RESUMO:** Proponho abordar a tradução a partir de uma dimensão desconstrutivista da linguagem evidenciando o que intitulo um legado de Jacques Derrida. Para o filósofo, há uma afinidade imensa entre tradução e desconstrução; a tradução, inexoravelmente, fala mais de uma língua (DERRIDA 1998). Trata-se de pensar o contexto da tradução a partir desse cruzamento de línguas e da

¹ Dedico esse texto à memória de Paulo Ottoni.

² UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Pós-Graduação em Letras. Ilhéus- BA-Brasil. 45662-900. epferreira@uesc.br.

Artigo recebido em 02 de junho de 2009 e aprovado em 20 de agosto de 2009.

tarefa do tradutor, o qual se encontra entre a necessidade e a impossibilidade de dizer tudo, de dar conta do sentido pleno do texto a ser traduzido. Vale dizer que não há possibilidade de qualquer intervenção fora da língua, não há a pureza da metalinguagem; o que apenas reforça a sua discussão em torno da escritura, naquilo que esse conceito rompe com o modelo representacional de escrita como simulacro. Rompe, portanto, com uma noção de tradução como cópia e repetição do mesmo.

- **PALAVRAS-CHAVE:** Derrida. Tradução. Simulacro. Legado.

Introdução

Pode-se entrever na epígrafe o que São Jerônimo encena, magistralmente, na Carta a Pamáquio: a paradoxal tarefa do tradutor no seu embate com a língua e a palavra. Quando o Santo afirma: “Se traduzo palavra a palavra, torna-se absurdo; se, por necessidade, modifico por pouco que seja a construção ou o estilo, parecerá que me demito da tarefa de tradutor” (SÃO JERÔNIMO, Ep. 27), evidencia o dilema da tradução e seus mistérios. Essa tão antiga problemática levantada por São Jerônimo é atualíssima ainda hoje, quando se discute a tarefa do tradutor tanto quanto o objeto a que se dedica a disciplina “tradução”.

Tantos séculos depois de São Jerônimo, Derrida, certamente em uma perspectiva bem diferente, mas guardando um traço de aproximação, também dirá algo de uma tarefa necessária e impossível do tradutor, evidenciando os paradoxos da tradução. Ao comentar o mito de Babel, o filósofo afirma:

Ao procurar “se dar um nome”, ao instituir, ao mesmo tempo, uma língua universal e uma genealogia única, os semitas queriam impor a razão ao mundo, e essa razão pode significar simultaneamente uma violência colonial (pois universalizariam, assim, o idioma) e uma transparência pacífica da comunidade humana. Inversamente, quando Deus lhes impõe seu nome, rompe a transparência racional e interrompe também a violência colonial ou o imperialismo lingüístico. Impõe-lhes como destino a tradução, sujeitando-os à lei da tradução necessária e impossível: num só golpe, através de seu nome próprio traduzível-intraduzível, libera a razão universal (aquela que não será submissa ao império de uma nação em particular), mas lhe limita simultaneamente a própria universalidade: transparência proibida, univocidade impossível. A tradução torna-se a lei, o dever e a dívida, mas uma dívida que não se pode quitar. Tal insolubilidade encontra-se marcada no próprio nome Babel: que, ao mesmo tempo, traduz-se e não se traduz, pertence sem pertencer à língua e endivida-se, como uma dívida impossível consigo como se fosse o outro. (DERRIDA, 1985, p.165).

Derrida, na sua leitura do mito de Babel, aponta para a desconstrução do modelo representacional da linguagem que toma a língua como sendo transparente e encerrada num sistema e numa estrutura fechada. O rompimento com o universalismo lingüístico traz à tona a tradução e a impossibilidade de univocidade do nome. Com Derrida, diremos que o gesto de nomeação implica a língua, a tradução e a desconstrução. Ampliando essa formulação, diremos que a tradução, assim como a desconstrução, é o lugar por excelência das línguas e da proliferação de sentidos; é o lugar da *différance*. Dito de outra forma, na tradução a constituição da significação encontra-se, continuamente, numa rede diferencial, diferente e diferida.

Por isso Derrida afirma que a dívida nunca é quitada e que há continuamente tradução. Derrida assim discute o comprometimento entre língua e tradução, a partir da desconstrução de Babel:

A “torre de Babel” não representa só a multiplicidade irreduzível das línguas, exhibe também o inacabado, a impossibilidade de completar, de totalizar, de saturar, de alcançar algo que é da ordem da edificação, da construção arquitetônica, do sistema e da arquitetura. O que a multiplicidade de idiomas acaba por limitar não é só uma tradução “verdadeira”, uma interexpressão transparente e adequada, mas também uma ordem estrutural, uma coerência do construto [*constructum*]. Está lá (traduzamos) como um limite interno à formalização, uma incompletude da construtora. Seria fácil e, até certo ponto justificado ver nela a tradução de um sistema em desconstrução. Não se deveria jamais deixar passar em branco a questão da língua, na qual se coloca o problema da língua e traduz um discurso sobre a tradução. (DERRIDA apud SILVA, 2006, p.1-2).

Pode-se observar o papel importante que a língua desempenha no pensamento derridiano e como esta interfere na sua escritura, evidenciando que, ao se construir um discurso sobre tradução, só é possível fazê-lo na e pela língua; o que limita de toda forma o acesso à “verdade”, a uma tradução “verdadeira”.

Dessa perspectiva e, ainda, discutindo a impossibilidade de uma expressão transparente e adequada, Derrida (apud OTTONI, 2005, p.170) evidencia que “[...] não há metalinguagem tradutológica que não esteja assujeitada, como idioma, ainda, ao drama que ela pretende formalizar ou traduzir por sua vez. Não se fala nunca de tradução numa língua universal, fora de uma língua natural (intraduzível a traduzir).”

Assim, vale dizer que não há possibilidade de qualquer intervenção do tradutor e da tradução que seja externa à língua, já que não há a pureza da metalinguagem que não toque na língua. Podemos dizer, dessa forma, que a condição de possibilidade da tradução é a própria língua.

Mas isso que chamamos muito tranquilamente de língua, na reflexão de Derrida (2001a, 2001b) não se revela como um conceito dado, pronto. Contrariando todas as medidas de prudência, Derrida (2001a, p.97) sobre a língua dirá que ela não existe:

Mas esta intimidade desconcertante, este lugar ‘no interior’ do francês, eis que ele não pode deixar de inscrever na relação a si, na sua auto-afecção, se assim se pode dizer, um exterior absoluto, uma zona fora da lei, o enclive clivado de uma referência apenas audível ou legível a esta absolutamente outra antepimeira língua, a este grau zero-menos-um da escrita que deixa a sua marca fantasmática ‘na’ dita monolíngua. Aí está ainda um fenômeno singular de tradução. Tradução de uma língua que ainda não existe, e que nunca terá existido, numa língua com chegada dada.

Esta tradução traduz-se numa tradução interna (franco-francesa) jogando com a não-identidade a si de toda a língua. Jogando e fruindo com ela.

Uma língua não existe. Presentemente. Nem a língua. Nem o idioma nem o dialeto. Esta é aliás a razão pela qual nunca se poderão contar estas coisas e a razão pela qual se, num sentido que passarei a explicitar, não se tem nunca senão uma língua, este monolingüismo não faz um consigo mesmo.

Importa evidenciar o vínculo que Derrida estabelece entre língua e tradução, ao afirmar a “não-identidade a si de toda língua”. Quando refuta a presença essencial do “um” da língua, de qualquer língua, o filósofo traz à tona a necessidade de tradução, que não é nunca a tradução realizada a partir de um ponto zero. A apropriação da língua não conta jamais com a unicidade, mesmo quando se trata de uma única língua.

Na sua reflexão, a tradução tem um papel essencial, comprometendo a tarefa do tradutor, a desconstrução e a apropriação da língua. Esse comprometimento põe em cena o jogo da escritura, naquilo que esse conceito rompe com o modelo representacional de escrita como simulacro, que rompe, portanto, com uma noção de tradução como cópia e repetição do mesmo.

Tendo em vista o modelo de linguagem que nos lega Derrida, a concepção de língua não se desvincula de um sujeito e das condições de apropriação. Por isso mesmo, um pensamento sobre a tradução não pode se furtar a pensar esse processo de apropriação de uma língua a que Derrida faz referência, se se quer buscar um entendimento da escrita tradutória. Como o filósofo afirma, não se deveria jamais deixar passar em branco a questão da língua, na qual se coloca o problema da língua e traduz um discurso sobre a tradução³.

³ Cf. SILVA, 2006, p.1-2.

Tradução/desconstrução: um legado de Derrida

O pensamento da desconstrução tem contribuído sobremaneira para o entendimento da escrita, em geral, e da escrita tradutória, em particular. Desde os seus primeiros escritos, Derrida (1971, 1975) questiona o que nomeia de significado transcendental e a posição secundária da escrita, então considerada pela tradição como mera representação transparente da fala.

Em seu projeto gramatológico, põe em questão todo o construto que chama de metafísica ocidental e questiona o modelo saussuriano de escrita centrado no logos e na phoné. Derrida (1975, p.35) afirma:

Ora, se deixarmos de nos limitarmos ao modelo da escrita fonética, que apenas privilegiamos por etnocentrismo, e se tirarmos as conseqüências de facto de não haver nenhuma escrita puramente fonética (por causa do espaçamento necessário dos signos, da pontuação, dos intervalos, das diferenças indispensáveis ao funcionamento dos grafemas, etc.), toda a lógica fonologista ou logocêntrica se torna problemática. O seu campo de legitimidade torna-se estreito e superficial.

Outro aspecto relevante a ser notado é que o filósofo francês põe em questão a “estruturalidade da estrutura”, ou seja, põe em xeque o centro que responderia pela verdade da estrutura no estruturalismo e da exterioridade da linguagem:

O evento a que chamei de ruptura, a quebra a que aludi no início, provavelmente teria ocorrido quando foi necessário começar a pensar a estruturalidade da estrutura [...] Este momento foi aquele em que a linguagem invadiu a problemática universal; aquele em que, na falta de um centro de origem, tudo se transformou em discurso, desde que estejamos de acordo em relação a essa palavra, ou seja, aquele em que tudo se tornou um sistema onde o significado central, o significado original ou transcendental, nunca está absolutamente presente fora de um sistema de diferenças. A falta do significado transcendental estende *ad infinitum* o domínio e a interação da significação. (DERRIDA, 1976, p.262).

Notemos, precisamente, que o filósofo chama a atenção para o fato de que nada escapa à linguagem e, conseqüentemente, à interação da significação. Dessa forma, pode-se dizer que não há um centro que responderia por uma verdade imutável e por um sujeito reprodutor de sentidos, o que acarreta desdobramentos para a teorização da significação, deslocando a reflexão sobre a linguagem do campo “puramente lingüístico” e trazendo para a discussão a necessidade de ampliar o conceito de sujeito e de entender mais detidamente o que interfere na relação que se estabelece entre sujeito e linguagem, no momento da apropriação.

E Derrida (1976, p.263) vai mais longe, ainda:

Não temos nenhuma linguagem – nenhuma sintaxe e nenhum léxico- que esteja alheio a essa história [da metafísica]; não podemos enunciar uma única proposição destrutiva que não resvale na forma, na lógica e nas postulações implícitas, que pertencem precisamente àquilo que busca contestar. Tomando um exemplo, dentre muitos outros: ataca-se a metafísica da presença com auxílio do conceito de *signo*.

O teórico, ao mesmo tempo em que aponta para uma abordagem que propõe a ruptura com a tradição, sabiamente, põe em relevância o seu comprometimento com essa mesma tradição, que propõe, no seu percurso teórico, desconstruir, uma vez que não se escapa da linguagem. A sua marca teórica está em deslocar os conceitos da tradição, mostrando que “não há metalinguagem tradutológica que não esteja assujeitada, como idioma, ainda, ao drama que ela pretende formalizar ou traduzir por sua vez. Não se fala nunca de tradução numa língua universal, fora de uma língua natural (intraduzível a traduzir)” (DERRIDA apud OTTONI 2005, p.170). Vale dizer, como já afirmei anteriormente, que não há possibilidade de qualquer intervenção que seja exterior à língua, não há a pureza da metalinguagem; o que apenas reforça a sua discussão em torno da escritura, naquilo que esse conceito rompe com o modelo representacional de escrita como simulacro.

A questão da escritura, pode-se dizer, foi o comprometimento teórico de partida, na obra do filósofo. Como afirma Derrida (1973, p.33 e 91):

O conceito de escritura⁴ deveria definir o campo de uma ciência. Mas, pode ele ser estabelecido pelos cientistas, fora de todas as pré-determinações histórico-metafísicas que acabamos de situar tão secamente? [...] Em que condições a gramatologia é possível? Sob a condição de saber o que é a escritura e como se regula a plurivocidade desse conceito. Onde começa a escritura? Quando começa a escritura? Onde e quando o rastro, escritura em geral, raiz comum da fala e da escritura, se comprime como “escritura” no sentido corrente? Onde e quando se passa de uma escritura a outra, da escritura em geral à escritura em sentido estrito? [...].

A partir do que anuncia Derrida, deve-se, de um lado, ressaltar o papel que a temática da escritura assume em sua reflexão, na discussão que fará em torno da suposta ciência da escritura, gramatologia, como o que será capaz de desconstruir

⁴ Lembremos que aqui se instala uma dificuldade de tradução, uma vez que em francês o termo *écriture*, tanto pode ser escritura como escrita.

a lingüística saussuriana; e de outro lado, ressaltar a problematização em torno do conceito “escritura”, o qual não escapa ao que chama de “interação da significação”, ou seja, que não há um significado dado e fixo apenas a ser evidenciado.

Esse gesto derridiano, que permeia toda a sua reflexão, conduzirá o filósofo a uma teorização surpreendente e absolutamente inovadora sobre a tradução e as condições de possibilidade da traduzibilidade. Derrida (1998, p.19) chega a afirmar que “[...] o problema da desconstrução é também do começo ao fim a questão da tradução e da língua dos conceitos”. Por isso, talvez, possamos dizer, já como anunciou Ottoni (2006), que Derrida foi o último filósofo da escritura e o primeiro pensador da tradução.

Esse quadro evidencia como a reflexão de Derrida compromete-se com a linguagem e tem grande abrangência: nasce com a questão da escritura, desloca o conceito de signo, traz à tona a *différance*, propõe uma gramatologia, abala os conceitos de estrutura, de ciência positiva e abre a filosofia para o campo da literatura e psicanálise, trazendo nova luz sobre os conceitos de leitura, de texto, de assinatura e de tradução. No cerne de todo esse empreendimento está a noção de desconstrução, caracterizada como “mais-de-uma-língua”, apontando para uma necessidade inexorável de tradução. Como afirma Ottoni (2006, p.106):

Ora, se partimos da hipótese de que “a desconstrução não existe em algum lugar, pura, própria”; de que não existe A ou uma só desconstrução”; de que “desde o início, estava claro que “desconstruções” deveria se dizer no plural” e, ainda, que ela é impossível, ou o impossível”, como pensar a relação tradução-desconstrução? Essa relação está cada vez mais comprometida com o pensamento da desconstrução; mas, se não há “uma só desconstrução”, mas “desconstruções” e ainda “desconstrução no plural”, a tradução nessa relação tem de estar sempre sendo “(re)definida”, isto é, tem de ser constantemente repensada.

Com a desconstrução, a tradução como um campo do conhecimento ganha vitalidade e a possibilidade de se re-inventar, ao mesmo tempo em que busca seu lugar institucional na universidade brasileira.

Legado da tradução da obra de Derrida em português

Considerando a tradução de sua obra no Brasil e em Portugal, Derrida conta já com cerca de 60 títulos publicados em nosso idioma, o que permitiu que se estabelecesse um diálogo consigo desde os anos 70, lendo e traduzindo sua escritura, sua língua, seu idioma, no cenário do que chamamos de desconstruções

(e de traduções) no Brasil. Esse diálogo com Derrida e as desconstruções lega aos estudos da linguagem e da tradução: de um lado, um deslocamento principalmente das noções de língua, idioma, leitura e escrita, de tradução e de suas implicações (OTTONI, 2005; RAJAGOPALAN, 2003; FERREIRA, 2002); de outro, aponta a necessidade de, na instituição universitária, buscarmos novas formas de organização do conhecimento, que tem sido profícua nos estudos inter- e multidisciplinares (SKINNER, 2000; PERRONE-MOISÉS, 2004; FERREIRA, 2003; GLENADEL, 2005; NASCIMENTO; GLENADEL, 2000; CARVALHO; FERNANDO, 1992; CARVALHO, 2004). No dizer de Perrone-Moisés (2006, p.28-29):

Trata-se, hoje, ao mesmo tempo, de conservar e mudar. O que Derrida propõe é uma permeabilidade das disciplinas, uma abertura das disciplinas para a recepção do “acontecimento” futuro que não se pode nem se deve prever, mas que se deve acolher. “As humanidades devem preparar sem preservar”[...]. Essa tarefa desconstrutiva das humanidades futuras não se deixará conter nos limites tradicionais dos departamentos que, por seu próprio estatuto, pertencem hoje às humanidades.

A produção teórica acerca das contribuições do pensamento de J. Derrida, no Brasil, tem crescido desde a publicação nos anos 70 de *A Gramatologia* (1975) e de *A Escritura e a Diferença* (1971), a ponto de podermos levantar a hipótese da existência de um legado dos escritos derridianos para a área da linguagem, em geral, e para a tradução, em particular (OTTONI 1998a, 1998b, 2005; FERREIRA, 2002, 2003, 2007a, 2007b; SISCAR, 2000a, 2001; PERRONE-MOISÉS, 2004, 2006; NASCIMENTO, 1999; NASCIMENTO; GLENADEL, 2000).

As questões de apropriação da língua, centradas na relação do sujeito (leitor, escritor, tradutor) com o objeto-língua têm, nos escritos derridianos, uma afinidade considerável, por exemplo, com a tradução, cuja relação com a desconstrução já vem sendo estudada nos estudos da tradução (SKINNER, 2000; NASCIMENTO, 1999; ARROJO, 1992; OTTONI, 2005; RAJAGOPALAN, 1992, dentre outros), como se evidencia no que segue:

As relações entre desconstrução e tradução já estão presentes, de uma maneira indissociável, desde a tradução por Derrida de *L'origine de la géométrie* de Husserl. Nessa publicação de 1962 na sua *Introduction*, já podemos perceber a questão da responsabilidade e o papel do tradutor e do pensador sobre a fenomenologia de Husserl. A tradução, o traduzir e o tradutor Derrida ao longo desses quarenta anos de reflexão tomam formas diferentes: as modificações se dão na maneira como ele – tradutor – se envolve com a tradução e como é envolvido, por ela, ao traduzir. Cada vez mais a experiência da tradução faz parte do pensamento derridiano (OTTONI, 2003, p.166).

A tradução é concebida por Derrida (1975) como transformação das línguas envolvidas na tarefa de traduzir, o que traz para a discussão a interferência do sujeito na língua, fazendo emergir o que chama de assinatura e de idioma, que poderíamos dizer que é o que há de mais “próprio” da intervenção do sujeito. Dessa perspectiva,

[...] tanto o traduzir quanto o idioma não se entregam a uma traduzibilidade plena, ou seja, nunca se traduz tudo nem há total apropriação da língua nem mesmo do idioma do outro. E, como nos alerta Derrida, a língua configura-se como um sistema de *marcas*. Lembremos que no seu idioma a *marca* tanto comporta a iterabilidade ideal, identificação e repetição, quanto, paradoxalmente, sua diferença e sua relação diferencial com a rede de outras marcas. O que vale dizer que, do ponto de vista do estabelecimento do sentido, não haverá nunca um sentido dado e fixo e reproduzível, portanto. O sentido é sempre dado numa rede de diferenciação. Se as línguas não se entregam ao absoluto de decifração, podemos dizer que não teremos uma traduzibilidade plena. O traduzir está sempre se fazendo numa economia das línguas envolvidas na tradução entre o traduzível, a intraduzibilidade e a tradução, comportando o que podemos designar como o paradoxo ou os enigmas da tradução. (FERREIRA, 2007a, p.121).

A partir do exposto queremos evidenciar que o modelo de linguagem que nos lega Derrida permite discutir a complexidade da escrita tradutória, que, ao mesmo tempo em que comporta a iterabilidade ideal, comporta a diferenciação. Derrida herda o ensinamento de Saussure, segundo o qual a língua comporta semelhanças e diferenças; todavia o suplementa, ao evidenciar o papel das diferenças na língua e suas conseqüências para a tradução, para a leitura e para a própria escrita. Uma vez que há na língua semelhanças e diferenças, não pode existir a traduzibilidade plena, não pode existir “o” sentido, o sentido único da tradução.

Ao tocarmos a língua, a inventamos e promovemos diferenciação. É no rastro desse modelo não-linear e não-mimético da língua que podemos pensar a tradução como transformação e como intraduzível. A tradução, assim como a desconstrução, “não é intraduzível, mas ligada à questão do intraduzível” (DERRIDA apud OTTONI, 2005, p.182.).

Essa questão do intraduzível não deve ser tomada como a negação do traduzível, mas como a manifestação de que o traduzível, o que se chamaria de traduzível, acontece, dá vida e materialização à tradução, a partir mesmo de sua impossibilidade de plenitude de sentido. Como discuto em outro lugar (FERREIRA, 2003), a legibilidade tanto quanto a traduzibilidade máximas são tarefas impossíveis. Não há um absoluto traduzível nem intraduzível. Sobre a tradução e a traduzibilidade, Derrida (2003a, p.33-34) afirma:

Um texto apenas vive se ele sobre-vive e ele só *sobrevive* se é *simultaneamente* tradutível e intraduzível (sempre *simultaneamente*, e: *ama*, ao ‘mesmo’ tempo). Totalmente tradutível, ele desaparece como texto, como escritura, como corpo de uma língua. Totalmente intraduzível, mesmo no interior do que se acredita ser *uma* língua, ele imediatamente morre. A tradução triunfante não é, então, nem a vida nem a morte do texto, somente ou até mesmo a sua sobrevivida. O mesmo se dirá do que chamo de escritura, marca, rastyro, traço, etc. Isso não vive nem morre, sobrevive.

Eis o que Derrida chamaria de *double bind*; necessidade e impossibilidade de tradução. Dito de outro modo, afirmariamos que a condição de possibilidade da tradução está no horizonte do in-traduzível; o que possibilita a tradução é aquilo mesmo que resiste a ela, resiste a se dar a ler e a traduzir, lendo e traduzindo. A tradução, assim, passa a ser encarada como um acontecimento de linguagem, que não pode ser previsto por um cálculo ou um método unificador, que descreva plenamente o seu funcionamento.

Podemos dizer que esta teorização não esquece em momento algum o corpo-a-corpo do tradutor com a língua, com a palavra, não esquece a materialidade do trabalho do tradutor. Ademais, evidencia a complexidade da tarefa do tradutor, o que pode oferecer ao tradutor em formação uma dimensão menos idealizada da sua tarefa, instigando-o a compreender melhor a sua intervenção e assumir que a tomada de decisão é uma necessidade crucial da qual não nos desvencilhamos.

Considerações finais

Um pensamento sobre a tradução a partir de uma dimensão desconstrutivista da linguagem aponta para a ruptura com o modelo logocêntrico e fonocêntrico da língua e da linguagem, instaurando outro modelo representacional que se funda na não identidade a si da significação.

Como afirma Bernardo (2007, p.168):

E é justamente na medida em que a desconstrução derridiana é uma *desconstrução da metáfora*, uma desconstrução que nos dá a pensar (ou) a sofrer a “metaforicidade” ou a singular originariedade da *différance* seminal, que, não oferecendo embora nenhuma ética nem nenhuma política, ela é, de si própria, uma *singular atitude* em relação ao ético e ao político: uma atitude de chamada de atenção (essa “oração da alma” no dizer de um Celan citando Kafka já a citar Montaigne ...) para a urgência de os repensar diferentemente; uma atitude de singular vigília que é uma atitude de resistência e de dissidência em relação ao instituído ou ao constituído em geral – em relação à ficção do arque-teo-

lógico-político em geral que denuncia como tal, isto é, como ficção. Uma *atitude* que, enquanto tal, é de si mesma também um apelo ao pensamento e/ou à re-invenção – ou à *revolução permanente* ela própria também a repensar ou a re-inventar sob o signo deste apelo infinito à invenção e re-invenção que é a própria desconstrução derridiana.

Essa atitude, esse gesto de invenção é, sem dúvida, um dos legados da desconstrução derridiana que se re-inventa a cada leitura que se faz da obra de Derrida. O pensamento derridiano exerceu e continua exercendo no campo das humanidades uma influência considerável. Resta, por sua vez, pensar sobre as conseqüências epistemológicas que nos lega tal pensamento. Abre-se, dessa forma um campo profícuo de investigações que podem ser empreendidas no campo dos estudos da linguagem.

Comprometemo-nos com uma reflexão que nasce com e a partir de Derrida, mas que deve ir além e suscitar a transformação, fazendo a tradução e a desconstrução sobreviverem, possibilitando que algo novo chegue para os estudos de linguagem, em geral, e, para a tradução, em particular.

FERREIRA, E. Translation/Deconstruction: a Jacques Derrida's Legacy. **Revista de Letras**, São Paulo, v. 49, n.2, p.229-242, July/Dec. 2009.

- **ABSTRACT:** My proposal here is to approach translation from the viewpoint of a deconstructive language theory with the aim of highlighting what I call a Jacques Derrida's legacy. For him there is a great affinity between translation and deconstruction: the first *inexorably speaks more than one language (Derrida, 1998)*. It is the very case of *thinking the context of translation as a crossroads of languages and the task of the translator - who finds himself caught between the need and the impossibility of saying everything – of giving a meaningful account of the text translated. It is worth saying that there is no possibility of intervention outside language and that there is no purity in any metalanguage, which only strengthens his debate around écriture, around what in that concept breaks with the representational view of writing as simulacre. It therefore breaks with the notion of translation as a copy and repetition of the same.*
- **KEYWORDS:** *Derrida. Translation. Simulacre. Legacy.*

Referências

ARROJO, R. (Org). **O signo desconstruído:** implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas: Pontes, 1992.

BERNARDO, F. Metáfora ou a língua em viagem. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v.especial, p.137-170, 2007.

CARVALHO, L. F. M. Tradução como diferimento. In: FERREIRA, E.; OTTONI, P. (Org.). **Traduzir Derrida**: políticas e desconstruções. São Paulo: Mercado de Letras, 2006. p.9-210.

_____. **Cenas derridianas**. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

CARVALHO, L. F. M.; FERNANDO, M. C. L. Desconstrução. In: JOBIM, J. L. (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.93-110.

DERRIDA, J. Fidelidade a mais de um - Merecer herdar onde a genealogia falta. Tradução de Paulo Ottoni. In: OTTONI, P. **Tradução manifesta**: double bind & acontecimento. Campinas: Ed. Unicamp, 2005. p.164-198.

_____. Sobreviver/Diário de Borda. Tradução de Élica Ferreira. In: FERREIRA, É. **Jacques Derrida e o récit da tradução**: o Sobreviver/Diário de Borda e seus transbordamentos. 2003. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual Paulista, Campinas, 2003a. p.16-83.

_____. **A universidade sem condição**. Tradução de Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade. 2003b.

_____. **Torres de Babel**. Tradução de Júnia Barreto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

_____. **O monolinguismo do outro ou a prótese de origem**. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001a.

_____. La langue n'appartient pas: entretien avec Jacques Derrida. **Europe**, Paris, n.861/862, p.81-91, janv.-févr. 2001b.

_____. Lo ilegible. In: _____. **No escribo sin luz artificial**. Valladolid: Cuatro Editores, 1999. p.49-64.

_____. Carta a um amigo japonês. Tradução Érica Lima. In: OTTONI, P. (Org.). **Tradução**: a prática da diferença. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998. p.19-25.

DERRIDA, J. Estrutura, signo e jogo no discurso das ciências humanas. In: MACKSEY, R.; DONATO, E. (Org.). **A controvérsia estruturalista**: as linguagens da crítica e as ciências do homem. Tradução de Carlos Alberto Vogt e Clarice Sabóia Madureira. São Paulo. Cultrix, 1976. p.260-284.

DERRIDA, J. **Posições**. Tradução de Maria Margarida Correia Calvente Barahona. Plátano: Lisboa, 1975.

_____. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. **A escritura e a diferença**. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971. (Coleção Debates).

FERREIRA, E. Quais as chances de traduzir Derrida? **Revista Cerrados**, Brasília, n.23, p.119-124, 2007a.

_____. Enigma-récit da tradução ou a invenção da língua do outro. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, n.especial, p.33-44, 2007b.

_____. **Jacques Derrida e o récit da tradução**: o Sobreviver/Diário de Borda e seus tansbordamentos. 2003. 244f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____. Uma reconsideração radical da noção de identidade ou a promessa de uma língua? **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n.40, p.9-16, 2002.

FERREIRA, E.; OTTONI, P. (Org.). **Traduzir Derrida**: políticas e desconstruções. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

GLENADEL, P. Ressurgência barroca: estilo e tradução cultural em Jacques Derrida. **Outra Travessia**, Ilha de Santa Catarina, v.3, p.47-54, 2005.

JERÔNIMO, S. **Carta a Pamáquio sobre os problemas da tradução**, EP. 27. Introdução, revisão de edição, tradução e notas de Aires A. Nascimento. Lisboa: Edições Cosmos, 1995.

NASCIMENTO, E. **Derrida e a literatura**: notas de literatura e filosofia nos textos da desconstrução. Rio de Janeiro: Ed. da UFF, 1999.

NASCIMENTO, E.; GLENADEL, P. (Org.). **Em torno de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

OTTONI, P. Derrida: a traduzir (Hegel). In: FERREIRA, E.; OTTONI, P. (Org.). **Traduzir Derrida**: políticas e desconstruções. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p.103-115.

_____. **Tradução manifesta**: double bind & acontecimento. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.

_____. A responsabilidade de traduzir o in-traduzível: Jacques Derrida e o desejo de [a] tradução. **DELTA**, São Paulo, v.19, n. especial, p.163-174, 2003.

_____. **Visão performativa da linguagem**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998a.

_____. **Tradução: a prática da diferença**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998b.

PERRONE-MOISÉS, L. Derrida e as ciências humanas. In: OTTONI, P; FERREIRA, E. (Org). **Traduzir Derrida: políticas e desconstruções**. Campinas: Mercado de Letras. 2006. p.23-30.

_____. (Org.). **Do positivismo à desconstrução: idéias francesas na América**. São Paulo: EdUSP, 2004.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão da ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. O significado e sua gênese. In: ARROJO, R. (Org). **O signo desconstruído**. Campinas: Pontes, 1992. p.41-46.

SILVA, F. F. **Des Tours de Babel: a tradução (catacréstica) em Derrida**. 2006. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

SISCAR, M. A dificuldade de origem. **Revista Letras**, Curitiba, n.56, p.85-93, jul./dez., 2001.

_____. Jacques Derrida, o intraduzível. **ALFA**, São Paulo, n.44, p.59-69, 2000a.

_____. Leituras da desconstrução. **Stylos**, São José do Rio Preto, v.1, p.75-86. 2000b.

SKINNER, A. Arquivos da tradução. In: FERREIRA, E.; OTTONI, P. (Org.). **Traduzir Derrida: políticas e desconstruções**. Campinas: Mercado de Letras. 2006. p.71-80.

_____. **Desconstruções: Jacques Derrida**. 2000. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2000.